

# **SOCIUS Working Papers**

**Alexandre Ribeiro Samis**

" Uma Fracção da Barricada:  
Neno Vasco e os grupos anarquistas  
no Brasil e Portugal"

**Nº 1/2004**

**SOCIUS - Centro de Investigação em Sociologia Económica e das Organizações**  
**Instituto Superior de Economia e Gestão**  
**Universidade Técnica de Lisboa**  
**Rua Miguel Lupi, 20**  
**1249-078 Lisboa**  
**Tel. 21 3951787 Fax:21 3951783**  
**E-mail: [socius@iseg.utl.pt](mailto:socius@iseg.utl.pt)**  
Web Page: <http://pascal.iseg.utl.pt/~socius/index.htm>

### **Buscando novas teorias interpretativas**

As reflexões desenvolvidas neste trabalho visam a aprofundar algumas questões de capital importância para o entendimento da formação de grupos de relação, de composição imigrante, no Brasil. Tratando-se, em especial, de imigrantes ideologicamente vinculados ao pensamento radical anarquista, tais questões assumem contornos específicos, diretamente relacionados à singularidade da proposta do grupo relacional e das várias procedências, regiões europeias, de seus membros. Assim, o esforço hermenêutico que se inicia pretende definir e esquadrihar os elementos que permitiram a formação de relações sociais estáveis entre os imigrantes radicais e seus interlocutores, de igual aspiração ideológica, no Brasil e em outras partes da Europa.

Dessa forma, pretendemos demonstrar que alguns intelectuais-militantes, vindos de várias partes da Europa, desembarcaram no Brasil, no início do século XX, e contribuíram para o alargamento e constituição de um *forum* de intensos debates ideológicos sobre as necessidades da classe operária. Interligados pela certeza da vigência internacional das demandas do operariado e da mesma realidade “deletéria” provocada pelo capitalismo no mundo, esses indivíduos criaram, em que pese a singularidade cultural de origem de cada um, uma rede de relações de relativa eficiência no combate ao sistema que entendiam opressor.

A criação de grupos de relação se deu, como vimos, a partir de interesses que desconsideravam barreiras e limites nacionais. A cultura que se constituiu na prática política cotidiana, em especial em torno dos jornais, como veremos adiante, determinou em muitos aspectos a formação de uma pauta de consenso mínimo entre os imigrantes e os nacionais anarquistas. Tal fenômeno, muito provavelmente, diferente em alguns aspectos dos congêneres no exterior, possibilitou a formação de uma “cultura compartilhada” absolutamente distinta, nos traços específicos, de qualquer outra entidade europeia com igual objetivo.

Tal afirmação nos remete ao conceito elaborado pelo antropólogo norueguês Fredrik Barth, de “formas institucionais explícitas”<sup>1</sup>, no que se refere ao comportamento de agrupamentos étnicos. Ao analisar alguns casos de grupos Pathan<sup>2</sup> e de pescadores do litoral norueguês, o antropólogo adverte que:

“É, portanto, inadequado considerar que as formas institucionais manifestas constituem as características culturais que a todo o momento permitem distinguir um grupo étnico, pois estas formas são determinadas tanto pela ecologia quanto pelo legado cultural. Também não é correto alegar que toda a diversificação interna a um grupo seja um primeiro passo rumo à subdivisão e à multiplicação de unidades”<sup>3</sup>.

A preocupação de Barth reside, em grande medida, na complexa tensão existente entre a “cultura” e a formação dos “grupos étnicos”. Afastando-se da corrente conhecida como culturalista da antropologia, ele sugere a percepção de um diálogo constante entre a identidade “construída relacionalmente” entre os indivíduos de um grupo e a cultura que, de forma mais ampla, os identifica. Assim pensando, Barth conclui que as categorias étnicas oferecem “um recipiente organizacional que pode receber conteúdo em diferentes quantidades e formas nos diversos sistemas socioculturais”<sup>4</sup>.

A exposição anterior nos permite levantar algumas reflexões sobre as prioridades no estudo de grupos anarquistas no Brasil, formados por imigrantes e nacionais. Embora Barth, em suas investigações, se preocupe, em particular, com grupos étnicos aparentemente alheios aos aspectos político-ideológicos mais tradicionais, as pistas que ele fornece para analisar tais segmentos sociais são suficientemente consistentes para serem utilizadas na investigação de grupos políticos. A própria conceituação de “grupo étnico” como “recipiente organizacional” pode, com muita propriedade, auxiliar no entendimento de organizações e redes de sociabilidade. Assim, ao se focar aquilo que é “socialmente efetivo” podemos conceber os grupos políticos, independente da composição e origem cultural ou nacional de seus membros, como elementos a serem estudados mais pelas relações estabelecidas internamente, em diálogo constante com a realidade material de um campo de luta específico, do que pelas concepções absolutas de mundo e atavismos culturais trazidos por seus membros. Embora, no caso dos anarquistas imigrantes, a sua

---

<sup>1</sup> Fredrik Barth. *O guru, o iniciador e outras variações antropológicas*. Rio de Janeiro, Contra Capa, 2000. p. 30.

<sup>2</sup> Ibidem. p. 70.

<sup>3</sup> Ibidem. p. 31.

procedência, por motivos óbvios, seja quase sempre explicitada, é no âmbito dos novos grupos no Brasil que a sua prática terá alguma relevância para a nossa investigação.<sup>5</sup>

Podemos inferir de tais questões que a formação de núcleos de ação e propaganda anarquista no país em questão não foi determinada por imperativos territoriais ou imposições topológicas, embora a maior parte deles tenha se concentrado no Sudeste do Brasil. A formação desses grupos deu-se muito mais por necessidades sociais, e, a identificação dos membros foi, no mais das vezes, possibilitada pelo compartilhamento de critérios de avaliação e de julgamento<sup>6</sup> estabelecidos não apenas por uma vivência anterior, mas, principalmente, por uma necessidade de ação conjunta no cotidiano. As atitudes no dia-a-dia, nas refregas com o poder vigente e o contato com os outros segmentos da sociedade, contribuíram para a formação das “fronteiras” sociais que reforçaram um mínimo de caráter identitário, a idéia de “pertencimento”, entre os membros do grupo. Dessa forma, como em um processo dialógico, os contornos e “fronteiras” dos grupos anarquistas se explicitaram nas relações com os demais elementos da malha social.

No que se refere especificamente aos imigrantes anarquistas, que desembarcaram nos últimos anos do oitocentos e primeiros do século seguinte no Brasil, a experiência compartilhada já se faz a partir de histórias semelhantes na travessia do Atlântico. Cruzar o oceano, deixar família, amigos e lembranças no continente europeu implicava em uma ruptura de variados desdobramentos nos planos social, físico e psicológico. Já essa experiência pode, de muitas formas, apontar para uma condição peculiar destes anarquistas, mesmo em relação aos outros que permaneceram no “Velho Continente”. A transposição da distância, das milhas marítimas, representaria para os imigrantes engajados muito mais do que uma simples jornada marcada por parâmetros métricos. A aglutinação de muitos imigrantes em torno de jornais nos idiomas italiano, alemão, espanhol e posteriormente em português, não se deveu apenas à familiaridade da língua, mas também, à necessidade de interagirem para definir sua dupla condição de imigrantes e ativistas.

---

<sup>4</sup> Ibidem. p. 33.

<sup>5</sup> Para uma mais profunda discussão sobre “grupos de procedência” e “organização dos indivíduos em novos grupos” ver, o trabalho de Mariza de C. Soares que trata da formação de grupos de negros escravos “mina” no Brasil. Mariza de Carvalho Soares. *Devotos da cor: identidade étnica, religiosidade e escravidão no Rio de Janeiro no século XVIII*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2000. p. 86-88.

<sup>6</sup> Barth. op.cit. p. 34.

Dentro dessa ótica, podemos associar, muito do que representaram os primeiros anarquistas no Brasil, ao conceito desenvolvido por Giovanni Levi no sentido da história como “ciência experimental”<sup>7</sup>. Assim, partindo do princípio de que as experiências são únicas, embora estruturadas em uma esfera social que serve a todos os indivíduos, e que a organizações se dão quase sempre sob bases originais livremente constituídas pelos atores sociais em questão, não fica difícil perceber que a excepcionalidade se impõe como regra. O “excepcional normal”<sup>8</sup>, de Barth, permeia tal conclusão e sugere um rigoroso estudo de elementos que, uma vez, postos em conjunto, articulam-se segundo uma norma absolutamente específica e de constatação empírica.

O método empírico de Barth atribui, em um amplo sentido, uma imanência radical ao ser. Os grupos, e só eles, é que determinam a condução das suas trajetórias, singularidades e atitudes, em última instância, assumidas publicamente. Como explicita Rosental, ao reproduzir um excerto da obra do antropólogo norueguês: “Concebo os acontecimentos constitutivos da vida social como essencialmente micro, realizados pelos atores (indivíduos e grupos)”<sup>9</sup>. Dentro da teoria proposta por Barth, não há refúgio para a dinâmica dos acontecimentos; o fenômeno, a única parte visível de um fato ou processo, como explicitava Kant, perde grande parte de seu protagonismo cedendo lugar a anatomia das ações do indivíduo e do grupo. A proposta da devassa através do micro afasta para os bastidores as explicações totalizantes e os prognósticos baseados em modelos e conclusões prévias.

### **Formação de grupos e sociabilidades**

Segundo Jean-François Sirinelli<sup>10</sup>, muitos grupos de intelectuais e militantes buscam a formação de “pólos de sociabilidade”, fenômeno que se explica pela necessidade de aglutinação de forças em torno de um propósito comum. Não raro, estes núcleos acabam por anunciar sua identidade política através de jornais, revistas e clubes com o fito da

---

<sup>7</sup> Ver para tanto: Paul-André Rosental. *Construir o “macro” pelo “micro”: Fredrik Barth e a “microstoria”*. In Jacques Revel. (org.) *Jogos de Escalas – a experiência da microanálise*. Rio de Janeiro. FGV, 1998. p. 154.

<sup>8</sup> *Ibidem*

<sup>9</sup> *Ibidem*. p. 158.

prática de ações concretas. Ainda, segundo Sirinelli, esta atitude acaba por estabelecer na sociedade “microclimas ideológicos” capazes de criar no âmbito do todo social uma certa resistência, ou mesmo, estabelecer uma alteridade coletiva, em relação aos demais grupos. O estudo das redes de relações entre os intelectuais-militantes, como em uma cartografia ou “geografia”, sugere não apenas a identificação dos espaços onde acontecem os encontros, como também a investigação das trajetórias políticas e sociais dos membros das agremiações investigadas. Entre outras coisas, deve o historiador, ocupar-se dessa “arqueologia” das redes de relações, buscando nos seus elementos constitutivos não apenas a semelhança de propósitos com grupos congêneres, mas também, a singularidade inerente a cada grupo, determinada pelos contatos entre membros da mesma entidade, egressos de experiências vividas anteriormente.

Assim, a abordagem acima nos encaminha a uma difícil mas necessária tarefa: a de entrecruzar estratégias teóricas como itinerários, sociabilidades e mesmo o instável conceito de geração. A operação destes elementos teóricos, se por um lado amplia a complexidade da análise; por outro, imprime ao estudo do objeto, caso bem sucedido, uma desafiadora e multifacetada imagem, bastante interessante em seus resultados práticos.

Acreditamos também que, a constante tensão entre “macro” e “micro”, abordada anteriormente, será aqui contemplada na perspectiva de uma relação de diálogo constante, pontuado quase sempre por referências a ambos os campos de investigação. Nesse sentido, e, em particular, no que diz respeito a atenção no tratamento das fontes, procuraremos encaminhar o presente estudo observando o que Pierre Bourdieu definiu como “a oposição cientificamente absurda entre indivíduo e sociedade”<sup>11</sup>.

Para introduzir elementos concretos em nossa análise, utilizaremos a trajetória política de um militante português. Procuraremos, nas suas relações com outros de igual procedência, nacionais e imigrantes de outras partes da Europa, pistas para a justa articulação entre sua experiência sensível e as novas realidades que irá vivenciar no Brasil e seu olhar sobre seu próprio país, por ocasião de seu retorno a Portugal. Explicitaremos o seu envolvimento com a causa operária e suas reflexões operadas a partir da relação direta

---

<sup>10</sup> Reflexões colhidas na palestra ministrada por Jean-François Sirinelli no Núcleo de Estudos Contemporâneos da Universidade Federal Fluminense, no dia 10 de setembro de 2002.

<sup>11</sup> Citado por Giovanni Levi. *Uso da biografia*. in Marieta de M. Ferreira e Janaina Amado. *Usos & Abusos da História Oral*. Rio de Janeiro, FGV, 2001. p. 168.

com o meio social. Em última análise, objetivamos discutir a sintaxe social instituída a partir das atitudes dos indivíduos diante dos desafios de seu tempo<sup>12</sup>.

Dessa forma, a trajetória de Neno Vasco<sup>13</sup> servirá, como um fio de Ariadne, de guia para a percepção do labiríntico corredor das atividades políticas de anarquistas no início do século XX. Este ativista pela sua importância, primeiro no Brasil e depois em sua terra natal, junto aos órgãos da imprensa radical, pode ser encarado como um dos indivíduos representativos da integração e colaboração entre as experiências sindicais dos dois países.

A participação de Neno Vasco, em atividades militantes no Brasil, nos sugere um quadro bastante elucidativo da importância dos jornais para uma projeção, ou mesmo, diagnóstico dos primeiros anos do anarquismo neste país. Muito pouco estudada, a permanência do militante português foi sem dúvida fundamental para o enriquecimento das discussões sobre métodos de ação ou inserção na sociedade. Podemos mesmo afirmar que Neno Vasco foi um dos elementos mais significativos daquela “geração militante”, de responsáveis orgânicos pela visibilidade social que irá ter o anarquismo nos anos posteriores.

Ao chegar ao Brasil em 1901<sup>14</sup>, dando início a cerca de uma década de atividades<sup>15</sup>, Neno Vasco articulou-se muito depressa com os anarquistas residentes no país. Em São Paulo, ajudou a criar, no ano de 1902, o primeiro jornal libertário de língua portuguesa com publicação regular, *O Amigo do Povo*.<sup>16</sup> Dessa iniciativa participaram também alguns dos mais conhecidos anarquistas do Rio de Janeiro, imigrantes e nacionais, através de artigos e divulgação do periódico.<sup>17</sup> A importância de tal empreendimento, assim como o de outros da mesma natureza, não se esgotava na simples exposição diletante de opiniões. Jornais como *O Amigo do Povo*, cumpriram o papel de espaço político deliberativo informal do

---

<sup>12</sup> Creio que esposamos, com tal afirmação, parte das idéias defendidas por Pierre Bourdieu em seu texto *A ilusão biográfica*. Ferreira e Amado. op.cit.

<sup>13</sup> Gregório Nazianzeno Moreira de Queirós Vasconcelos foi um dos mais ativos militantes anarquistas no Brasil e em Portugal. Veio a falecer em Portugal, seu país de origem, a 15 de setembro de 1920. In prefácio de João Freire: Neno Vasco. *Concepção Anarquista do Sindicalismo*. Porto, Afrontamento, 1984.

<sup>14</sup> Neno Vasco embarcou em direção ao Brasil no mesmo ano da conclusão do seu curso de direito, na Faculdade de Coimbra. Os registros da sua vida estudantil atestam que ele efectuou sua primeira matrícula em outubro de 1896, e, a última, em junho de 1901. Arquivo da Universidade de Coimbra: Livro de Matrícula cotas 119,120,121, 122 e 125 e Livro de Direito Actos cota 40.

<sup>15</sup> Prefácio de João Freire, op. cit., p.12.

<sup>16</sup> Edilene T. Toledo. *O Amigo do Povo: grupos de afinidade e a propaganda anarquista em São Paulo nos primeiros anos deste século*. Dissertação de mestrado, IFCH/UNICAMP, 1993. p. 50.

<sup>17</sup> *Ibidem*, p. 52.

movimento anarquista nos seus primeiros anos. Forjaram, mesmo na esfera pública burguesa<sup>18</sup>, um lugar definido para o livre debate das idéias, o *locus* fundamental para a circulação de teses, traduções e sínteses políticas. O “Primeiro Congresso Operário Brasileiro”, de 1906, no Rio de Janeiro, foi, não apenas tributário, mas um dos resultados concretos da mobilização, encenada pela imprensa libertária, de iniciativas e energias que se encontravam dispersas.

Neno Vasco, apesar de radicado no Brasil, não negligenciou os contatos com as publicações libertárias no seu país de origem. Ao longo de sua permanência no território brasileiro manteve uma disciplinada rotina de correspondência enviando para Portugal artigos, notícias e traduções. Muito do que ele viria a registrar em seus escritos partiria de uma profunda reflexão da realidade brasileira à luz da perspectiva internacionalista. Dessa forma, o intelectual que havia chegado ao Brasil, recém bacharel de Coimbra, aperfeiçoava sua aguda capacidade crítica a partir da vivência militante fora da Europa.

### **Uma verificação “inusitada”**

Ao se estabelecer em São Paulo, Neno Vasco deu início à uma intensa troca de informações com anarquistas de origens diversas. A fundação do quinzenário *O Amigo do Povo*, inaugurava uma parceria que incluía os italianos Gigi Damiani, Alessandro Cherciai e Oreste Ristori<sup>19</sup>, e os brasileiros Benjamim Mota e Ricardo Gonçalves. No periódico, que trazia também alguns artigos em italiano, as relações e o proselitismo político encontravam a justa medida para o estreitamento ainda maior dos laços de afinidade. A direção do jornal, a revisão e tradução para o português de artigos vindos da Europa, encontravam-se aos cuidados de Neno Vasco. Ele, ao que tudo indica, assumiu muito prontamente grande parte das tarefas relacionadas ao novo veículo de informação e reflexão.

O periódico, já em seu segundo número, definia, dando pouca margem à dúvida, o itinerário proposto por seus colaboradores. Os apelos à “greve geral”, como a forma mais “eficaz” e “rápida” para resolver problemas salariais e preparar o ânimo do proletariado para o enfrentamento definitivo entre as classes, além da “boicotagem”, expressavam o

---

<sup>18</sup> Ver para o conceito de “esfera pública burguesa”: Jürgen Habermas. *Mudança Estrutural da Esfera Pública - Investigações quanto a uma categoria da sociedade burguesa*. Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, 1984.

<sup>19</sup> Carlo Romani. *Oreste Ristori uma aventura anarquista*. São Paulo, Annablume/Fapesp, 2002.

caráter de *O Amigo do Povo*<sup>20</sup>. A opção sindical, claramente defendida pelo jornal, acrescida do combate ao parlamentarismo<sup>21</sup>, delimitou não apenas o campo de atuação dos responsáveis pelo veículo, mas também, auxiliou no desenvolvimento de um intenso espaço de polêmicas que, no período da criação do jornal, crescia significativamente nos grandes centros do Brasil.

A experiência do *O Amigo do Povo* durou três anos, mas foi fundamental, para a alteração das concepções sobre o anarquismo trazidas por Neno Vasco de Portugal<sup>22</sup>. Em um ensaio biográfico, Adriano Botelho, seu amigo, e que posteriormente acabaria por se casar com sua cunhada Aurora Moscoso, afirmaria que:

“Foi, porém, no Brasil que o seu espírito se esclareceu no convívio com vários camaradas, que lhe facilitaram a leitura de diversos jornais anarquistas italianos – uns contendo colaboração e outros sendo orientados por Henrique Malatesta, o intérprete, quanto a nós, mais verdadeiro e mais consciente do ideal anarquista”<sup>23</sup>.

Dessa forma, o anarquista “ingênuo”, influenciado por um certo evolucionismo, e intelectual de Coimbra ganhava nos trópicos a chave para uma atuação virulenta no movimento social. Ainda, segundo Botelho, os ensinamentos de Malatesta, que o acompanhariam a partir daí, forneceram-lhe a convicção da necessidade da organização dos explorados para por em marcha uma resistência eficaz ao sistema capitalista vigente. Estava, assim consumada, a ruptura com a sua formação adquirida, pela influência francesa em Portugal, através das obras de Kropotkin.

O aprendizado de Neno Vasco, e mesmo toda sua copiosa produção teórica posterior, foi marcado por uma estrita relação entre teoria e prática. A radicalização do seu anarquismo obedeceu à sua observação dos fatos e às necessidades singulares que emergiam de demandas muito específicas assumidas por seu grupo de militância. Embora confirmadas, as referidas demandas, por uma situação que extrapolava o campo nacional, a sensibilidade que determinou muito de suas atitudes e opções foi adquirida no seu grupo de afinidades. Assim pensando, as questões que justificaram a urgência das transformações

---

<sup>20</sup> Arquivo da Memória Operária do Rio de Janeiro. *O Amigo do Povo* Ano I nº 2.

<sup>21</sup> O jornal trazia um texto contra o parlamentarismo, escrito em italiano, sob o título de “*Banditi*”. Segundo o articulista, a semelhança dos socialistas parlamentaristas com o título do artigo ia além da simples imagem retórica. Arquivo da Memória Operária do Rio de Janeiro. *O Amigo do Povo* Ano I nº 2.

<sup>22</sup> Carlos Abreu e João Freire (orgs.). *Adriano Botelho – memórias & ideário*. Região Autónoma dos Açores, Secretaria Regional de Educação e Cultura, 1989.

<sup>23</sup> *Ibidem*. p. 58.

operadas no pensamento do intelectual português, foram apreendidas a partir de uma percepção mais ampla da realidade que o cercava e a intensa subjetividade que os textos, lidos e traduzidos do italiano, produziram nele, já no Brasil, e, em especial, no colectivo editorial de *O Amigo do Povo*.

Inconformado com o fim do jornal, Neno Vasco daria então início à revista *Aurora*, que terá, a exemplo do empreendimento anterior, vida curta<sup>24</sup>. Nas páginas da *Aurora*, ao se referir a experiência da imigração ele afirmava:

“Hoje a influência exercida pela imigração continua a ser extremamente benéfica para o proletariado e para a civilização em geral. Sob um ponto de vista especial, ganha tanto o país que recebe como o país de origem.

O proletariado leva consigo uma consciência nova e **adquire do seu lado novas necessidades susceptíveis de provocar revoltas** (grifos nossos). A solidariedade, que era latente, torna-se efetiva. Realiza-se um nivelamento nas condições e nas idéias: torna-se internacional a necessidade e a consciência duma sociedade nova”<sup>25</sup>.

Muito do que expressou Neno Vasco, através de seu artigo, sobre a imigração, pode ser interpretado como elemento constitutivo de sua experiência pessoal. As “novas necessidades” anunciadas no texto podem ser entendidas como as realidades objectivas e originais, fatalmente experimentadas por quem abandona a terra natal e se aventura em outras partes do mundo. Assim, segundo o militante, as diversidades “niveladas” pelas trocas empurram as diferentes realidades para a “consciência duma nova sociedade”. Para ele, assim como se processara no seu caso, o contato com a pluralidade era fonte de elaboração de uma consciência comum, adquirida na permuta e apreensão de outras visões de mundo e vivência de múltiplas necessidades.

Por outro lado, mesmo a despeito da fugacidade editorial da *Aurora*, a revista possibilitou também a publicação de textos mais longos de articulistas engajados. As traduções dos artigos de Malatesta, feitas por Neno Vasco, ampliavam, dessa forma, o público leitor do teórico italiano nos meios operários brasileiros. O entusiasmo de seu principal tradutor, no Brasil e em Portugal, foi fundamental para que Malatesta abandonasse o seu quase anonimato nos meios anarquistas destes dois países. Distante da Europa, convivendo com as diversidades de uma terra de imigrantes e trabalhadores

---

<sup>24</sup> Edgar Rodrigues. *Os Libertários*. Rio de Janeiro, VJR, 1993. p. 95.

<sup>25</sup> Espólio Pinto Quartin. *Aurora*. Ano I, números 8-9, 1905.

nacionais, ainda impregnada de relações com o cativo africano, Neno Vasco acreditava ter encontrado entre seus pares a resposta para a “revolução social”.

Em 1905, outro jornal, *A Terra Livre*, passava a circular em São Paulo. Nesse empreendimento Neno Vasco passou a contar com a ajuda de Edgard Leuenroth e do espanhol Manuel Moscoso, ambos empenhados em auxiliar na organização do proletariado nacional<sup>26</sup>. Não apenas o sindicalismo interessou ao referido jornal, muitas campanhas de solidariedade internacional foram organizadas a partir das páginas de *A Terra Livre*. Em uma dessas campanhas, a que propunha socorrer anarquistas e socialistas revolucionários, na Rússia czarista, de 1906, Neno Vasco teve a oportunidade de receber uma carta de Pedro Kropotkin, sua principal referência teórica noutros tempos, agradecendo o envio de recursos financeiros aos perseguidos. Assim se dirigia o russo anarquista ao responsável pelo *A Terra Livre*:

“Não, queridos camaradas e amigos, a vossa subscrição não chega tarde demais. A Revolução na Rússia não se fará num dia. Ela exigirá dois, três anos para se realizar, como a Revolução Francesa e Inglesa (de 1648). Neste momento, sofremos um instante de reação terrível. (...) E, no entanto, são as contrações do animal que morre. Por toda a parte penetra o espírito de revolução. Por toda a parte há um sopro novo”<sup>27</sup>.

Kropotkin, despedia-se então, convocando os membros do periódico a refletirem sobre as diversas greves que se espalhavam pelo mundo, e advertia a todos para que se preparassem para a grande “Revolução Social” que se avizinhava.

O jornal *A Terra Livre* permaneceu em São Paulo até 1907 quando, por um acordo entre os grupos Novos Rumos e Terra Livre, a redação foi transferida para o Rio de Janeiro<sup>28</sup>. Tal mudança deve-se muito provavelmente ao ano anterior em que, por força de uma conjuntura diretamente relacionada com o crescimento do anarquismo, no então Distrito Federal, havia acontecido o “Primeiro Congresso Operário”. Além disso, a publicação do *A Terra Livre*, no Rio de Janeiro, justificava-se por dois outros motivos. O primeiro, e provavelmente o mais significativo, era o prestígio que o referido periódico havia alcançado entre os sindicalistas, não apenas de São Paulo, mas dos centros onde o movimento operário contava com ativistas libertários. O segundo, era que o periódico da

---

<sup>26</sup> Edgar Rodrigues. *Os Libertários*. op. cit., p. 96.

<sup>27</sup> Ibidem. p. 143.

<sup>28</sup> Ibidem. p. 131.

Confederação Operária Brasileira, *A Voz do Trabalhador*, só passaria a circular em 1908, e os anarquistas entendiam ser fundamental um periódico com algum prestígio circulando na capital brasileira. Assim, *A Terra Livre*, só retornaria a São Paulo, no mesmo ano da publicação de *A Voz do Trabalhador*. O reforço dessa tese vem com a confrontação das datas: o último número de *A Terra Livre*, no Rio de Janeiro, foi de junho de 1908<sup>29</sup>, e, *A Voz do Trabalhador*, publicaria seu primeiro número em 1º de julho daquele mesmo ano.

### **Congressos e grupos de afinidade**

Muitos grupos de afinidade formaram-se em torno também de atividades lúdicas ligadas ao proselitismo anarquista. Alguns coletivos de teatro organizaram-se em auxílio da propaganda libertária, interpretando peças escritas com o objetivo deliberado de educar as platéias através da arte. Assim, como ferramenta pedagógica, os espetáculos eram direcionados quase exclusivamente ao proletariado.

Neno Vasco escreveu no Brasil suas principais obras de dramaturgia. As peças *O Pecado de Simonia*, *A Greve dos Inquilinos*, *Natal*, escrita com Benjamim Mota, e a tradução da peça *Primo Maggio*, de Pietro Gori, figuravam em quase todos os eventos cênicos propostos pelos anarquistas, no Rio de Janeiro e São Paulo<sup>30</sup>. Também nas revistas *Aurora*, *Kultur* e alguns jornais as peças ocupavam um número generoso de páginas, determinando dessa forma para o teatro uma relevância pouco comum nos meios voltados à discussão teórica e de crítica social.

Tais coletivos de propaganda, nos quais esteve Neno Vasco, serviram para bem mais do que a militância tradicional. O grupo que formou para colocar em marcha o jornal *A Terra Livre* acabou por proporcionar algo além do estímulo meramente intelectual e ideológico. Foi na convivência com a família de Manuel Moscoso<sup>31</sup> que ele conheceu

---

<sup>29</sup> Ibidem. p. 129.

<sup>30</sup> Edgar Rodrigues. *O Anarquismo na Escola no Teatro na Poesia*. Rio de Janeiro, Achiamé, 1992.

<sup>31</sup> A família Moscoso, originária de Cuevas de San Marcos, província de Málaga, emigrou para o Brasil no ano de 1890. Segundo carta de Aurora Moscoso Botelho, filha mais nova do referido grupo familiar, nascida já no Brasil, a saída de seus pais da Espanha não se deveu à pobreza, mas sim ao desejo de seu pai em criar os filhos em “uma grande cidade”. Manuel Moscoso era um dos 5 filhos que haviam nascido ainda na província andaluza. Biblioteca Nacional de Lisboa, Arquivo Histórico-Social, Secção de Reservados, Fundo Neno Vasco.

Mercedes Moscoso, irmã de Manuel, com quem se casaria em 1905. Da união nasceram, no Brasil, seus quatro filhos, um deles vitimado pela meningite, ainda na primeira infância<sup>32</sup>.

Dessa forma funcionavam os grupos de afinidade. Em torno de um objetivo comum e de parâmetros ideológicos bem definidos, as tarefas eram executadas levando os militantes a estabelecerem laços políticos e afetivos que possuíam desdobramentos diversos, até mesmo o matrimônio. No interior destes grupos eram estabelecidos acordos tácitos e estratégias comuns para a otimização de esforços e reflexão sobre os meios a serem empregados em determinadas tarefas.

Como referido, através de núcleos organizados, sob esta inspiração, foi possível a celebração do “Primeiro Congresso Operário Brasileiro”<sup>33</sup>, que ocupou os primeiros dias da segunda quinzena de abril de 1906, no Centro Galego, entidade ligada aos trabalhadores do setor de gastronomia, e alcançou significativa repercussão. Os debates, de cunho deliberativo, que incluíam questões de “orientação”, “organização” e “ação operária”, a despeito de uma minoria reformista presente, acabaram por definir a linha de engajamento formal ao sindicalismo revolucionário, inspirado nas discussões e teses em curso na França<sup>34</sup>.

Entre as diversas decisões do referido Congresso acreditamos que a proposta da criação da Confederação Operária Brasileira, que aconteceria dois anos depois, estreitou imensamente a relação entre os grupos de afinidade de São Paulo e Rio de Janeiro. O periódico oficial da nova Confederação, *A Voz do Trabalhador*, que, como vimos, passaria a circular em julho de 1908, era então dirigido por Manuel Moscoso, o cunhado de Neno Vasco, e teria a colaboração deste em diversas oportunidades. No seu primeiro número, o jornal afirmava sua condição de órgão da Confederação Operária Brasileira e anunciava, para maior esclarecimento aos interessados, a preocupação dos seus fundadores:

“É necessario que o proletariado brasileiro abra os olhos e se dé conta das mistificações de que está sendo vitima. É preciso que compreenda que o seu inimigo não está fora do Brazil, que o seu inimigo não é estrangeiro, mas capitalista, o burguez, o militar, o padre e todos os sustentaculos da iniqua organização da actual sociedade, e que esses inimigos os temos aqui dentro do Brasil, como estão em todas a partes, competindo aos operarios como principais

---

<sup>32</sup> Informação obtida através de entrevista, realizada em outubro de 2003, à Magda Botelho, filha de Adriano Botelho e sobrinha de Neno Vasco.

<sup>33</sup> Edgar Rodrigues. *Socialismo e Sindicalismo no Brasil*. Rio de Janeiro. Laemmert. 1969. p. 114.

<sup>34</sup> *Ibidem*. p. 116.

vitimas, preparar-se lhes dar combate aqui. Ao par que os nossos companheiros, os operarios das outras nações, fazem o mesmo nos seus respectivos paizes”<sup>35</sup>.

E concluía com a seguinte afirmação: “Realizar esta grandiosa obra é o fim principal da Confederação Operaria Brasileira”<sup>36</sup>.

O apelo ao internacionalismo, no caso específico do Brasil, prendia-se a três principais fatores. Em primeiro lugar era uma premissa identitária de larga utilização na Europa e demais continentes, onde as idéias socialistas haviam se disseminado. Em um segundo plano vinham os sindicatos reformistas que, por força de uma clientela nacional e princípios reforçados pela pregação jacobina republicana, açulavam os ânimos dos trabalhadores nacionais contra os estrangeiros. E, não menos importante, era a condição de imigrante de boa parte dos elementos mais ativos afinados com os princípios do sindicalismo revolucionário. Assim, a defesa de um ideal ou estratégia de combate que colocasse os trabalhadores em um mesmo campo de interesses e desejável condição fraternal, possibilitava a elaboração de um consenso mínimo e diálogo comum a todos os produtores, independente de origem e nacionalidade.

Para reforçar tais princípios, os anarquistas, quase todos atuando no campo sindical, postulavam a necessidade de uma ação conjunta dos trabalhadores contra medidas governamentais nocivas ao “proletariado”. Comparavam, dessa forma, a lei de deportação, sintomaticamente promulgada no ano seguinte ao congresso de 1906, a um atentado contra toda a classe operária e não apenas contra o imigrante. Mesmo com o crescimento da base nacional, no interior das associações de classe de perfil revolucionário, esse discurso não seria abandonado.

### **Reforma ortográfica e ilustração operária**

Para a quase totalidade dos anarquistas, em especial os que se dedicavam à confecção de periódicos, a gramática da língua portuguesa era extremamente restritiva. Por sua complexidade e distanciamento do vernáculo coloquial, utilizado cotidianamente pela população em geral, ela não realizava, na plenitude de seu dever, a integração entre os

---

<sup>35</sup> *A Voz do Trabalhador*. 1º de julho de 1908.

<sup>36</sup> Obedecemos a grafia original do periódico que é fruto de uma reforma ortográfica proposta por Neno Vasco.

indivíduos da mesma nacionalidade e, menos ainda, de estrangeiros que viviam no Brasil. Dessa forma, ainda segundo os anarquistas, a gramática era mais um fator de exclusão para o pobre trabalhador que, diante das dificuldades em aprender as regras ortográficas, abandonava prematuramente as primeiras tentativas de alfabetização.

Neno Vasco, no Rio de Janeiro, iniciou uma importante polêmica com os acadêmicos Salvador de Mendonça, José Veríssimo e João Ribeiro, que apresentavam à Academia Brasileira de Letras uma sugestão para a reforma ortográfica no Brasil<sup>37</sup>. Segundo Neno Vasco, algumas das modificações propostas pela Academia, já eram utilizadas pelos jornais libertários há algum tempo e, salvo a ainda excessiva quantidade de acentos presentes na nova ortografia, era possível “entrar num acordo tendente a pôr termo às ortografias em uso”<sup>38</sup>. Ainda, para o polemista anarquista, só poderiam discordar de tais alterações, tão urgentes quanto necessárias, os “literatos exóticos”<sup>39</sup> descomprometidos com a inclusão da maior parte da população no mundo das letras.

A polêmica exigia ainda mais medidas concretas por parte dos anarquistas. Assim, dentro do espírito da reforma ortográfica, foi editado o jornal *A Voz do Trabalhador*<sup>40</sup>, empregando as transformações que, segundo acreditavam os responsáveis, iriam facilitar a leitura e o aprendizado dos trabalhadores, virtuais interessados nas notícias do órgão da Confederação Operária Brasileira. Para tanto, a simplificação representava não apenas uma atitude acertada do ponto de vista prático, mas uma forma simbólica de se ignorar as decisões tomadas em gabinetes, pelas instituições do Estado, e que, posteriormente, eram repassadas verticalmente para a sociedade. Em última análise, a escrita passava a ser uma das formas de estimular iniciativas e indicar o caminho para as mudanças na sociedade; ou seja, o próprio método autônomo de implantação da ortografia, não subordinado aos poderes vigentes, consolidava a afinidade entre a teoria e a prática no sindicalismo anarquista. A substância da transformação, tanto quanto o ato de transformar eram igualmente pedagógicos.

Tal atitude não se restringiria ao período de permanência de Neno Vasco no Brasil. A reforma foi defendida ainda na década de 20, em periódicos e opúsculos voltados para os

---

<sup>37</sup> Edgar Rodrigues. *Os Libertários*. op. cit., p. 134.

<sup>38</sup> *Ibidem*.

<sup>39</sup> *Ibidem*.

<sup>40</sup> Ao transcrevermos anteriormente partes do periódico *A Voz do Trabalhador*, o fizemos mantendo a grafia original contendo a reforma.

operários. Assim, em conformidade com as transformações, Lírio de Rezende, um intelectual e membro do grupo anarquista “Paladinos do Porvir”, justificava as “simplificações” em seu livro de poesias *Mundo Agonizante*, de 1920:

“A grafia portugueza tem sido e continuará sendo o maior embaraço á instrução e por isso mesmo a cauza do atrazo em que se mantêm o povo portuguez e o brasileiro.

Ser anarquista e dizer-se partidario da conservação etimologica da lingua, é estar em dezacordo com o ideal que viza a transformação radical da sociedade que aí está.

Ser anarquista e esperar que o governo ou as academias de letras rezolvam o assunto, é quase dezerar que estas instituições decretem a abolição da propriedade particular e o estermio (sic) do dinheiro.(...)

Os trabalhadores não tendo tempo bastante para se ilustrarem ainda mais se aborrecem ao terem de encaixar na memória os digramas por exemplo: ch com som de xis e de k, etc. As letras consoantes devem ter um só valor, o mais ezato”<sup>41</sup>.

Lírio de Rezende argumentaria ainda, com claro propósito militante, na introdução de seu livro, que, não era possível esperar pelo governo, como o faziam muitas “criaturas bem entencionadas”, pois este era refratário a qualquer tipo de transformação positiva. Era “conservador”, nada fazendo de útil<sup>42</sup>.

### **O retorno a Europa e as “redes de relações”**

Em 15 de janeiro de 1911, Neno Vasco escrevia ao romancista, médico e anarquista Fábio Luz, radicado no Rio de Janeiro, uma carta dando conta de sua decisão de retornar a Portugal. Embora não possuísse relações estreitas com o escritor ele alegava ter recebido “indicação” de Manuel Moscoso e Edgard Leuenroth para solicitar uma possível colocação profissional. Assim escrevia Neno Vasco:

“Por vários motivos (de família, de saúde, econômicos, etc)<sup>43</sup>, vou em maio próximo fixar residência em Lisboa. Alí procurarei auferir recursos, para viver, do jornalismo, ou mais precisamente, de correspondências e crônicas para a imprensa brasileira. Advinha, pois, certamente o favor que desejo: a sua recomendação, ou melhor, a sua intervenção discreta, pessoal, para me obter num jornal do Rio um pequeno lugar de cronista ou correspondente em

---

<sup>41</sup> Arquivo Nacional do Rio de Janeiro. IJJ7 – Série Interior – vol. 168.

<sup>42</sup> Ibidem.

Lisboa. Naturalmente, num jornal sério e bom pagador, isto é, *pontual*, pois não aspiro a fortes remunerações”<sup>44</sup>.

O missivista alegava necessitar de um mínimo de recursos para fazer frente às despesas dos primeiros meses de estabelecimento em Lisboa. Esclarecia também, talvez para evitar mal entendido, que seus artigos seriam amenos e não tratariam diretamente da “propaganda” da causa. Era, por assim dizer, uma favor estritamente pessoal. Em outra carta, de 15 de abril de 1911, para o mesmo destinatário, Neno Vasco dava conta de sua partida, do porto de Santos, em 19 daquele ano e mês, no vapor holandês “Frisa”<sup>45</sup>.

Após o desembarque em Lisboa, no dia 4 de maio de 1911<sup>46</sup>, com Mercedes Moscoso, sua sogra, filhos e cunhadas solteiras. Neno Vasco, como consequência de seus limitadíssimos recursos, fixou residência no bairro marginal oeste de Dafundo. Não tardou, apesar das condições em que se encontrava, em estabelecer contato com o Brasil, a exemplo de suas colaborações com a imprensa operária portuguesa quando, ainda na condição de imigrante, vivia em terras brasileiras. Retornando ao seu país natal, iniciaria uma rotina de correspondências com os “camaradas” brasileiros, em particular Edgard Leuenroth, que seria, ao que tudo indica, o elo fundamental para divulgação de seus artigos nos jornais libertários.

Neno Vasco, assim, acabou por participar de vários periódicos no Brasil como, o anticlerical *A Lanterna*, dirigido por Leuenroth, publicando diversos artigos relativos a temas europeus que, posteriormente reunidos, formaram o livro *Da Porta da Europa*<sup>47</sup>. Actuou como correspondente no jornal *Diário*, de Porto Alegre; no *Guerra Social*, do Rio de Janeiro e iniciou uma série de artigos sobre sindicalismo no *A Voz do Trabalhador*, em sua segunda fase de 1913<sup>48</sup>. Boa parte destes artigos foram incluídos no livro *Concepção Anarquista do Sindicalismo*, publicado postumamente e deixado inacabado pelo autor<sup>49</sup>.

---

<sup>43</sup> Segundo Adriano Botelho, na biografia que escreveu sobre Neno Vasco, teria o referido militante retornado a Portugal por existir no Brasil um “espírito” nativista contra os estrangeiros e por acreditar em mudanças com o fim da monarquia naquele país. Carlos Abreu e João Freire. op. cit., p. 59.

<sup>44</sup> Revista *Remate de Males*. Departamento de Teoria Literária IEL/UNICAMP. Campinas, 1998. p. 171.

<sup>45</sup> *Ibidem*. p. 174.

<sup>46</sup> *O Jornal do Commercio*, 5 de maio de 1911.

<sup>47</sup> Neno Vasco. *Da Porta da Europa*. Lisboa, Edição do Autor, 1913.

<sup>48</sup> A segunda fase do *A Voz do Trabalhador* começa em 1º de janeiro de 1913 e continua até o ano de 1915. A primeira fase havia durado pouco mais de um ano ( julho de 1908 a dezembro de 1909).

<sup>49</sup> A primeira edição do livro aconteceu por iniciativa do jornal *A Batalha*, em 1923. Prefácio de João Freire. In Neno Vasco. op. cit.

Do Brasil, Neno Vasco, havia trazido também a incumbência de levantar fundos para a Revolução Mexicana. Tal actividade desempenhou com o zelo e a seriedade de todas as outras tarefas que a militância lhe impunha. Manteve uma epistolar troca de correspondências com os membros da Junta do Partido Liberal Mexicano, exilados na Califórnia, em particular os irmãos Flores Magón<sup>50</sup>. Foi, por assim dizer, um dos grandes divulgadores da causa dos anarquistas mexicanos na Europa, e antes no Brasil. Tal sensibilidade colaborou decisivamente para que os periódicos *A Sementeira*, *A Aurora* e *O Sindicalista* publicassem as convocatórias e manifestos da junta revolucionária mexicana no exílio estadunidense.

Sua relação com os mexicanos não era apenas uma tarefa entre tantas outras. O que realmente parecia atrair Neno Vasco, ao projecto revolucionário defendido no interior do Partido Liberal Mexicano, de resto uma agremiação puramente revolucionária sem carácter eleitoral, era a estrutura que possibilitava uma organicidade mínima aos revolucionários. Organização muito semelhante ao partido anarquista preconizado por Malatesta, em fins do século XIX.

Nos primeiros anos de seu retorno a Portugal Neno Vasco integrou o grupo que fundou o periódico *Terra Livre*, sintomaticamente com o mesmo título do jornal criado por ele, no Brasil, em 1905; além de ter colaborado, como já nos referimos, na revista *A Aurora*, do Porto; *A Sementeira*, de Lisboa e com o jornal sindicalista da Confederação Geral do Trabalho, *A Batalha*<sup>51</sup>. Já nas primeiras referências, que apareceram na imprensa operária, anunciando a publicação do *Terra Livre*, o nome de Neno Vasco encontra-se associado aos de Adolfo Lima, Pinto Quartin e Sobral Campos<sup>52</sup>. Todos entusiastas da nova publicação que, segundo a nota promocional publicada em *O Sindicalista*, de fins de 1912, deveria aparecer em breve.

Entretanto, o projecto social e político de Neno Vasco não se circunscrevia a apenas um jornal anarquista. Como no Brasil, era insuficiente o espaço de um veículo ágil, como era o caso de um jornal, para debates de fundo, mais teóricos e, portanto, mais extensos e fundamentados ideologicamente. Com a experiência da revista *Aurora*, ainda na sua fase

---

<sup>50</sup> Para tanto ver apresentação de Alexandre Samis ao livro de Ricardo Flores Magón. *A Revolução Mexicana*. São Paulo, editora Imaginário, 2003.

<sup>51</sup> Carlos Abreu e João Freire. op. cit. p.60.

<sup>52</sup> O Sindicalista, 29 de dezembro de 1912

paulista, Neno Vasco havia percebido a necessidade de veículos de informação menos acanhados, para os textos monográficos e de doutrina especificamente anarquista. Para tanto, ele, Sobral de Campos e Aurélio Quintanilha deram início ao grupo Brochura Social, que se propunha a publicar pequenos ensaios, estudos e traduções de clássicos do anarquismo a preços módicos e acessíveis ao público operário. Um sistema de cotização, muito semelhante à utilizada por um empreendimento semelhante na França, levado a efeito pelos anarquistas do *Temps Nouveaux*, iria possibilitar a divulgação e longevidade do projecto<sup>53</sup>.

A colaboração de Neno Vasco nos periódicos tacitamente anarquistas excedeu em muito sua participação nos demais de orientação exclusivamente sindical. Seus esforços, assim como os de outros que, como ele, optaram pela posição de Malatesta frente ao “sindicalismo puro”, concentravam-se na propaganda do ideário anarquista<sup>54</sup>. Acreditava que o campo das reivindicações sociais poderia ser qualquer um, principalmente os que explicitavam mais claramente as contradições do capitalismo, e que o sindicalismo era um campo de luta e não a prefiguração da futura sociedade libertária. Assim pensando, Neno Vasco dava prioridade as actividades mais identificadas com a propaganda anarquista e entendia os jornais de classe como frentes de luta concreta.

A estratégia política de Neno Vasco colocou-o, a despeito de sua aversão aos debates públicos, como protagonista das principais querelas levadas a público pela imprensa social de Portugal e do Brasil<sup>55</sup>. Em Lisboa enfrentou ferrenha oposição dos sindicalistas que predicavam a vinculação dos sindicatos revolucionários à causa aliada na Primeira Grande Guerra, além de defender o internacionalismo em tempos de crescimento de uma tendência claramente avessa a este pressuposto. Tais posições legaram-lhe alguns desafetos e podem explicar a dificuldade, apesar das suas qualidades intelectuais, que teve, até o fim de sua vida, em conseguir uma colocação profissional com proventos mais satisfatórios.

---

<sup>53</sup> O Sindicalista, 7 de fevereiro de 1913

<sup>54</sup> Prefácio de João Freire op. cit. p. 25

<sup>55</sup> Segundo Adriano Botelho, ainda outro motivo teria justificado o retorno de Neno Vasco a Portugal. O seu desejo de ampliar as relações com os principais teóricos europeus do anarquismo. Tal desejo concretizou-se em carta a Edgard Leuenroth, de 30 de maio de 1914, dava conta de seu contato com os internacionalmente conhecidos Carlos Malato e Jean Grave. Edgar Rodrigues. *Os Libertários*. op. cit. p. 200.

Dessa forma, a morte por suicídio, sucedida em 1912, na Argentina, de seu cunhado e amigo Manuel Moscoso, e os insuficientes<sup>56</sup> laços familiares deixados no Brasil, além é claro da precária situação de suas finanças, parecem explicar não ter o anarquista português retornado ao país de seu casamento, nascimento de seus filhos e de sua formação política mais radical. A morte por tuberculose de sua companheira, Mercedes Moscoso que, segundo ele, havia encontrado nos primeiros anos no Brasil “escondida como a violeta”<sup>57</sup>, em janeiro de 1920, tiraria muito de suas forças. O seu afastamento para São Romão do Coronado, no Minho, para buscar a cura do mesmo mal, e sua morte em 15 de setembro daquele ano, determinaram um epílogo prematuro para a trajetória do bacharel de Coimbra e militante anarquista Neno Vasco.

Nada, nos primeiros anos de sua chegada a Portugal, poderia fazer crer que sua vida caminharia para um desfecho tão trágico. Ao escrever para Leuenroth, em 31 de maio de 1913, entre acertos de contas e compromissos profissionais, afirmava confiante, em relação aos seus filhos: “Os meus pequenos estão excelentes: gordos, corados, brincalhões. Se os teus cá vierem um dia, ganharão cor e carne, sem perder a viveza...”<sup>58</sup>. Também a tuberculose tampouco, depois de sua morte, poupou a vida de dois de seus filhos. As privações enfrentadas por uma opção militante definiram a completa ruína física não apenas de Neno Vasco, mas também da quase totalidade de seu núcleo familiar.

A patologia, como uma funesta alegoria, parece ter representado no plano físico as imensas e desiguais batalhas enfrentadas pelo militante contra o sistema que o oprimia. A morte de Neno Vasco e as condições que, entretanto, possibilitaram a sua fundamental participação na condução de muitas das estratégias de combate ao capitalismo podem ser entendidas como um contraponto. Se por um lado, a enfermidade parece ter se aproveitado de um corpo frágil e esgotado; por outro, sua obra sobreviveu à sua morte porque em vida sua atitude, diante das adversidades, estava longe de apresentar qualquer semelhança com a fraqueza contingencial de sua saúde.

---

<sup>56</sup> Ao que parece, a partir de cartas a Leuenroth e entrevista a Magda Botelho, o pai de Neno Vasco permaneceu no Brasil, após sua partida. É provável que, por ter se casado uma segunda vez, Vitorino de Vasconcelos, não tivesse com o filho uma estreita relação, além é claro de ser um comerciante bem sucedido bastante afastado das preocupações sociais de Neno Vasco.

<sup>57</sup> Carlos Abreu e João Freire. op. cit., p.59.

## **Entrevista**

Depoimento tomado à Magda Botelho, sobrinha de Neno Vasco, em Lisboa, nos meses de outubro e novembro de 2003.

## **Arquivos**

Arquivo da Universidade de Coimbra

Arquivo Histórico-Social da Biblioteca Nacional de Lisboa

Arquivo Nacional do Rio de Janeiro

Arquivo da Memória Operária do Rio de Janeiro da Universidade Federal do Rio de Janeiro

## **Bibliografia**

ABREU, Carlos e FREIRE João (orgs.). *Adriano Botelho – memórias & ideário*. Região Autónoma dos Açores, Secretaria Regional de Educação e Cultura, 1989.

BARTH Fredrik. *O guru, o iniciador e outras variações antropológicas*. Rio de Janeiro, Contra Capa, 2000.

FERREIRA, Marieta de M. e AMADO, Janáina. *Usos & Abusos da História Oral*. Rio de Janeiro, FGV, 2001.

HABERMAS, Jürgen. *Mudança Estrutural da Esfera Pública - Investigações quanto a uma categoria da sociedade burguesa*. Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, 1984.

MAGÓN, Ricardo Flores. *A Revolução Mexicana*. São Paulo, Editora Imaginário, 2003.

*Remate de Males*. Revista do Departamento de Teoria Literária IEL/UNICAMP. Campinas, 1998.

REVEL, Jacques. (org.) *Jogos de Escalas – a experiência da microanálise*. Rio de Janeiro. FGV, 1998.

RODRIGUES, Edgar. *Socialismo e Sindicalismo no Brasil*. Rio de Janeiro. Laemmert. 1969.

\_\_\_\_\_. *O Anarquismo na Escola no Teatro na Poesia*. Rio de Janeiro, Achiamé, 1992.

\_\_\_\_\_. *Os Libertários*. Rio de Janeiro, VJR, 1993.

---

<sup>58</sup> Carta enviada de Lisboa por Neno Vasco a Edgard Leuenroth. In Edgar Rodrigues. *Os Libertários*. op. cit., p. 199.

ROMANI, Carlo. *Oreste Ristori uma aventura anarquista*. São Paulo, Annablume/Fapesp, 2002.

SOARES, Mariza de Carvalho. *Devotos da cor: identidade étnica, religiosidade e escravidão no Rio de Janeiro no século XVIII*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2000.

TOLEDO, Edilene. *O Amigo do Povo: grupos de afinidade e a propaganda anarquista em São Paulo nos primeiros anos deste século*. Dissertação de mestrado, IFCH/UNICAMP, 1993.

VASCO, Neno. *Concepção Anarquista do Sindicalismo*. Porto, Afrontamento, 1984.